

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E GÊNEROS – GEPEM
19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

(At 6) Gêneros, Corpos, Sexualidades

TERRITORIALIDADES HOMOSSEXUAIS NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA:
reflexões a partir da realidade social vivenciada no bar “Imigrantes”

Jackson Santos de Sousa/UEMASUL
Jailson de Macedo Sousa/UEMASUL

Resumo

No presente estudo refletimos e buscamos compreender acerca das territorialidades constituídas por grupos LGBTs, no qual, gays e/ou lésbicas se apropriam de um determinado território, projetando neste, suas identidades. Pode-se notar que a construção do território e, conseqüentemente, as territorialidades dos sujeitos contribuem para a construção das suas identidades. Procurou-se entender de início os múltiplos significados de território e de territorialidade, tendo em vista a identidade territorial do bar Imigrantes. Buscamos trabalhar nesta pesquisa a concepção de território, levando-se em conta a dimensão simbólico-cultural, que é caracterizada por construir o território através das vivências das pessoas, que simbolizam a cultural praticada.

Palavras-chave: Território; Territorialidades; Identidade territorial; Homossexual; Imperatriz.

Abstract

In the present study we reflect and seek to understand about the territorialities constituted by LGBT groups, in which gays and / or lesbians appropriate a certain territory, projecting their identities on it. It can be noted that the construction of the territory and, consequently, the territorialities of the subjects contribute to the construction of their identities. We tried to understand at first the multiple meanings of territory and territoriality, considering the territorial identity of the bar Imigrantes. We seek to work in this research the conception of territory, taking into account the symbolic-cultural dimension, which is characterized by building the territory through people's experiences, which symbolize the cultural practice.

Keywords: Territory; Territorialities; Territorial identity; Homosexual; Imperatriz.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste estudo, abordamos elementos essenciais acerca das territorialidades constituídas por grupos LGBTs, no qual, gays e/ou lésbicas se apropriam de um determinado território, projetando neste, suas identidades.

Para Rogério Haesbaert (1997 apud Saquet e Briskievicz 2009, p. 6), o território envolve, ao mesmo tempo, em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica e cultural, através de uma identidade atribuída pelos grupos sociais ao espaço onde vivem. Nesse sentido, é notório que cada pessoa perpassa por diferentes vivências e diferentes grupos sociais. Assim, cada pessoa terá um espaço de identidades e sua identificação/afinidade com aqueles sujeitos que manifestam as mesmas semelhanças, vontades ou compartilham dos mesmos interesses. Evidentemente, que os grupos de pessoas que não se enquadram aos padrões impostos pela sociedade em sua maioria (grupos tradicionais, Estado ou igreja, comumente) sofrem certa discriminação ou repulsa, sendo estigmatizados, de certa forma, ignorados ou excluídos da mesma, causando conseqüentemente, seu isolamento. Portanto percebe-se que esses territórios são construídos a partir de processos de resistências desses sujeitos.

Nesse contexto, pode-se notar que a construção do território e, conseqüentemente, as territorialidades dos sujeitos contribuem para a construção das suas identidades. Para tanto, nota que as pessoas que se enquadram nas seguintes características como: homem, branco, cis¹ e hétero, são privilegiados pela sociedade. Enquanto, do outro lado há os grupos de resistências, formando seus próprios territórios e onde constroem suas territorialidades, explicitando suas identidades.

Percebe-se que os grupos formados por negros, mulheres, indígenas e obviamente homossexuais ganham maior visibilidade e novos cenários de discussões, ampliando os debates sobre direitos humanos e de igualdade desses sujeitos que foram por muito tempo silenciados. A comunidade LGBT² é representada por sua historicidade, num espaço de lutas por seus territórios.

Trabalhamos neste estudo com concepção de território simbólico-cultural, buscando embasamento para essa pesquisa. Procurou-se entender de início os

¹ Cisgeneridade (Cis) em estudos de gênero, é um termo para pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento com base em seu sexo biológico.

² Sabe-se que a comunidade LGBT engloba lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero. Porém, nosso estudo está direcionado aos gays e lésbicas, pois, são os frequentadores de maior rotina do bar Imigrantes.

múltiplos significados de território e de territorialidade, tendo em vista a identidade territorial do bar Imigrantes, que é popularmente conhecido como um bar gay, sendo que os proprietários não são e afirmam que o bar é um espaço hétero.

Porém, os frequentadores³ do bar se reconhecem como gays, lésbicas e alguns héteros, que vão ao bar tomar uma cerveja gelada, conversar, socializar entre si, sem discriminações. Assim, o bar se torna um ambiente de diversidade. Com isso, fica explícito que estes sujeitos projetam suas identidades neste território.

Em vista disto, o crescente aumento das construções de um pensamento livre, faz com que esses sujeitos coloquem em questão, os seus direitos. Portanto, fica explícita a construção das territorialidades homossexuais neste bar.

A partir desse cenário, o homossexual ocupa espaços dos quais poderá manifestar as suas identidades, podendo assim, os sujeitos se sentirem mais confortáveis e livres, fora das represálias, repreensões impostas pela sociedade.

É reconhecido que, essa temática foi introduzida no contexto das ciências humanas, incluindo, a Geografia, neste período recente, ou seja, a partir da década de 1980. Percebe-se que a ciência geográfica não tinha muita preocupação com o território em seus estudos. Evidentemente, a Geografia introduziu esta concepção com muito atraso. Teve como base os estudos desenvolvidos no âmbito das ciências sociais que já vinham discutindo sobre essa temática, através das correntes humanistas, como afirma Roberto L. Corrêa (2000):

A década de 1970 viu o surgimento da geografia humanista que foi, na década seguinte, acompanhada da retomada da geografia cultural. Semelhantemente à geografia crítica, a geografia humanista, calcada nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo, é uma crítica à geografia lógico – positivista. Diferentemente daquela, contudo, é a retomada da matriz historicista que caracteriza as correntes possibilista e cultural da geografia tradicional. (CORRÊA, 2000. P. 32).

Como território é uma categoria eminentemente geográfica, é importante elucidá-lo a partir das territorialidades e as identidades construídas pelos sujeitos, considerando as dinâmicas socioespaciais construídas pela ciência geográfica.

A necessidade de compreender as territorialidades gays e as suas relações com a dinâmica da sociedade, faz com que esse trabalho seja relevante, pois, assim, podemos compreender essas manifestações culturais, nas quais, é nítido que esses

³ O bar, ou seja, o território investigado abriga toda a comunidade LGBT, mas, é importante ressaltar que na cidade podemos encontrar outros estabelecimentos direcionado a esse público, havendo uma partilha de público em diferentes estilos.

grupos sociais estigmatizados, carecem dos seus próprios territórios, para sua sociabilidade.

Essa pesquisa traz consigo um conhecimento muito valioso, não somente para mim, como pesquisador, mas para tantos outros que poderão ter acesso a ela, e poderão romper os preconceitos e quebrar o tabu que muitas pessoas têm de territórios ou localidades de Imperatriz-MA ou qualquer outro lugar que tenha no ambiente essa identidade gay ou de diversidade, assim, contribuindo para erradicar a intolerância e a crueldade contra os homossexuais.

A construção da pesquisa científica se materializa por meio de um planejamento que se estrutura através diversas etapas. O processo de planejamento da pesquisa científica exige o levantamento de indagações pertinentes para transformar o estudo em pesquisa. A problemática direciona o caminho da pesquisa e os procedimentos que serão usados para respondê-la.

Segundo Gil (2008, p. 33), na acepção científica, problema é “qualquer questão não resolvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento”. Assim, podem ser considerados como problemas científicos no âmbito das ciências sociais as indagações que rodeiam a vida social das pessoas. Usaremos esse argumento para compreendermos o território do bar Imigrantes e as dinâmicas das relações sociais dos frequentadores. Com base nesta afirmação destacada por Gil (2008) sobre o problema essa investigação científica, apresentamos a seguir, as principais indagações que nortearam este estudo.

Questão Norteadora:

- Como é possível compreender as territorialidades homossexuais edificadas na cidade de imperatriz, tendo como enfoque analítico, os gays frequentadores do bar Imigrantes?

Questões Específicas:

- Que sujeitos estão envolvidos no processo de produção do território do bar Imigrantes? Estes projetam suas identidades neste território? Como essas identidades se expressam/caracterizam?
- Que territorialidades estão presentes e qual a relação dessas territorialidades com as identidades projetadas pelos gays frequentadores do bar imigrantes?

Com base nos questionamentos expostos é que elaboramos as principais finalidades que constituíram as metas estabelecidas para este estudo. Os objetivos numa investigação científica expressam as metas elaboradas para a obtenção de resultados da pesquisa. Indicamos a seguir as principais finalidades estabelecidas para este estudo.

Objetivo Geral:

- Compreender as territorialidades homossexuais presentes na cidade de Imperatriz-MA, com enfoque no bar Imigrantes e a identidade projetada por estes sujeitos.

Objetivos Específicos:

- Refletir sobre os padrões sociais que fazem com que os gays e/ou as lésbicas de Imperatriz se identifiquem e produzam os seus territórios.
- Caracterizar os processos de socialização no bar Imigrantes em Imperatriz - MA.
- Analisar a territorialidade gay na cidade de Imperatriz- MA e o papel do bar Imigrantes na construção das territorialidades e projeção da identidade territorial.

Com base nos objetivos antes apresentados é importante enfatizar as principais concepções que iremos trabalhar acerca dos conceitos de território, territorialidades e de identidade territorial.

Diante das concepções de território e dos teóricos apresentados é importante mencionar também os procedimentos metodológicos que foram adotados nesta pesquisa. Numa pesquisa científica a metodologia que é empregada é de suma importância, pois, é através dela que serão alcançados os objetivos propostos. Na presente pesquisa, utiliza-se o estudo de natureza científica que se fundamenta na adoção de uma metodologia condizente com uma realidade investigada, com o cotidiano e as territorialidades dos sujeitos, que serão investigadas através de uma abordagem de caráter fenomenológico e qualitativo.

Nesse estudo optou-se por trabalhar com a abordagem fenomenológica. Acordando Gil (2008, p 14) a fenomenologia é entendida por se tratar a realidade e o convívio social, contanto, “nas pesquisas realizadas sob enfoque fenomenológica, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado”.

Numa concepção de território e de territorialidade, a percepção do convívio e da simbologia ou cultural do local é de suma importância. Assim, a fenomenologia segundo Gil (2008, p.14) “não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que este presente na consciência dos sujeitos”.

Portanto, pode-se afirmar que é de uso a vivência dos sujeitos no território, no qual, “o que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o mundo conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada”. Seguindo esse ponto de vista verifica-se a importância do território do bar Imigrantes e a integração dos seus frequentadores, enquanto sujeitos que produzem territorialidades. Sendo assim,

“o objetivo de conhecimento para a fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito”. Como afirma Gil:

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objetivo que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada. (GIL, 2008, p.15)

A presente pesquisa também teve seu embasamento na adoção do método qualitativo, fundamental para coletar as informações, interpretar e compreender a territorialidades do grupo social em questão desse estudo, que está inserida no processo da construção do território. Para Chizzotti (2003):

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivados do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. [...] O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. (CHIZZOTTI, 2003. P. 221)

Por isso, para reforçar a construção dessa pesquisa, serão utilizadas técnicas de pesquisa como observação e entrevistas no bar Imigrantes, sendo este o território de análise do estudo em pauta, assim, pode-se analisar as territorialidades existentes. Dessa forma, será possível apresentar resultados, relatos e falas dos próprios sujeitos inseridos nesse dinâmica de território, territorialidade e identidade territorial.

Segundo Gil (2008, p. 100) a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formação do problema, passando pela construção de hipótese, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível para a pesquisa. A observação é o uso dos sentidos com vista a adquirir conhecimento necessário para o cotidiano.

Para Gil (2008, p. 101), segundo os meios utilizados, a observação pode ser estruturada ou não estruturada. De acordo com o grau de participação do observador, pode ser participativa ou não participativa. Podemos classificar segundo Gil (2008) três tipos de observação nesse contexto, observação simples, participante e sistemática.

Nesse ponto de vista, podemos dizer que observação simples vai se caracterizar como aquela em que o pesquisador terá um contato superficial com o grupo ou situação que pretende estudar. A observação participante consiste na participação real no conhecimento na vida do grupo ou de uma situação determinada. A observação sistemática normalmente é utilizada em pesquisas que tem o objetivo de descrever com mais detalhes os fenômenos estudados.

Conforme Gil (2008, p. 109) pode-se definir entrevista como a técnica em que o entrevistador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. Portanto, a entrevista é a interação social entre as partes que compõem a pesquisa, tanto o pesquisador quanto o fenômeno pesquisado, sendo de um lado a busca de dados e o outro a fonte que disponibilizará.

Nesse sentido Gil (2008, p. 113) afirma que a entrevista estruturada ou semi-estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados.

Assim, podemos afirmar que as entrevistas são muito utilizadas nas pesquisas sociais para coleta de informações, com isso são fundamentais para o confronto da teoria e da prática. Dessa forma, através destes instrumentos de pesquisa serão organizados documentos para o embasamento da proposta exposta por meio de fotos, e delimitação territorial. Além de apresentar resultados, relatos e dos próprios sujeitos inseridos nesse processo de territorialização.

2. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

O território é uma das categorias mais importantes da Geografia que por muito tempo foi tida como uma forma de exercício de poder sobre o espaço, sendo muitas vezes exercido pelo Estado. As várias áreas de conhecimento nos apresentam que a questão do território é trabalhada por outras ciências, como a Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia, Economia, não sendo exclusividade da Geografia. Conforme Souza (2000):

Entre as disciplinas científicas uma exceção tem sido a Antropologia, e particularmente o seu ramo mais recente, a Antropologia Urbana; estudos sobre “tribos urbanas” e grupos sociais diversos (minorias étnicas, prostitutas, homossexuais etc) e seus territórios se têm mostrado como importantes contribuições para uma ampliação dos horizontes conceituais e teóricos. [...] as disciplinas mais diretamente ligadas, inclusive epistemologicamente, com a análise do território, a saber: a Ciência Política, pela via do conceito para ela epistemologicamente fundante de poder, e a Geografia, que normalmente se arroga o privilégio de ser a disciplina do espaço

social – estas duas disciplinas estiveram quase sempre dominadas por uma orientação em direção ao Estado enquanto o poder por excelência, e inclusive estiveram historicamente comprometidas com a elaboração de discursos legitimados do Estado. (SOUZA, 2000. p. 83)

Nesse sentido, é notório que as concepções de território são distintas. Isto é, cada área do conhecimento terá sua concepção sobre o território, e conseqüentemente, os processos de territorialização serão percebidos de distintas formas. Com essa afirmação, procuraremos nos embasar, considerando as contribuições de três estudiosos da Geografia, são eles: Marcos Saquet, Rogério Haesbaert e Milton Santos. O nosso intuito é o de compreender suas concepções sobre território e as várias dimensões das territorialidades.

3. O TERRITÓRIO NA ABORDAGEM GEOGRÁFICA: MÚLTIPLAS DEFINIÇÕES/CONCEPÇÕES

Enfatizar as diferentes concepções de território faz-se necessário devido à amplitude do conceito e às diversas possibilidades de definições encontradas em outras áreas do conhecimento, como a própria Geografia, a Ciência Política, a Economia, a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia. A Geografia enfatiza a “materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza)” (HAESBAERT, 2004, p. 37).

O território se torna o cenário das ações do homem ao longo de sua história, modificando e dando-lhe identidade, como afirma Milton Santos (2006, p. 13) “o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”.

A multidisciplinaridade acerca da concepção de território para Saquet (2009, p. 73) fez com que “se acirrassem os debates, pesquisas e publicações”. Segundo este autor, os estudos da Geografia, Sociologia, Economia e Antropologia, foram reforçados nos últimos anos no Brasil e em outros países, centrados nos conceitos de território e territorialidade. Conforme Saquet e Briskievicz (2009):

[...] É necessário ter clareza das principais concepções de territórios e territorialidade e de seus elementos constituintes, como orientação teórico-conceitual, importante nos processos de pesquisa. A opção por essa ou aquela compreensão de território e territorialidade vai direcionar esta ou aquela postura do desenvolvimento, dos atores de cada lugar e da geração dos projetos e programas. [...] O território compreende quatro componentes principais: a) as relações de poder; b) as redes de circulação e comunicações; c) as identidades; d) a natureza. Não há território sem a conjugação destes processos sociais e naturais. (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 4)

Nessa linha de raciocínio, destaca-se a concepção do território através da vertente simbólico-cultural, em que há a constituição das identidades, que serão abordadas em nosso estudo sobre as territorialidades dos sujeitos.

Nos últimos anos, temos verificado uma efervescência no debate em torno do conceito de território. Acompanhado de uma valorização no plano conceitual, sobretudo acadêmico, desde o final do século passado, geógrafos e demais cientistas sociais têm despendido enormes esforços para colocar o território no centro de suas principais questões. A Geografia, a Sociologia, a Antropologia, a Economia, a Psicologia e, por último, a História debruçaram suas análises e voltaram seus olhares para o território. Nunca se falou tanto em processos espaciais como os de des-re-territorialização, nem tampouco em estudos de territorialidades específicas ou mesmo de uma economia espacial ou territorial. Mas, talvez, o motivo pelo qual tenha colocado o território em uma posição de destaque seja o seu caráter funcional ou operacional. Ele passa a ser um conceito prático, especialmente pela sua aplicabilidade nas políticas públicas, voltado para o planejamento e ordenamento do território. Apesar de o conceito de território ser utilizado em vários países da Europa há pelo menos vinte anos, seu uso, no Brasil, é bastante recente. (SILVA, 2015, p. 53)

Somente será possível compreender o território, a partir do momento que entendermos o espaço, pois, é sabido que o território é um componente do espaço, sendo o espaço a base das categorias geográficas, que abrange todas outras categorias, como: lugar, paisagem, região e território. Portanto, compreender o território implica necessariamente em levar em conta o entendimento de espaço, concluindo que o território é parte do espaço.

Fica evidente que o espaço é essencial para a construção do território e ainda que inseparavelmente deste e das relações sociais que dão origem a produção das territorialidades, no qual, ficarão explícitas as relações sociais construídas no território. Nesse sentido, Saquet (2009). Comenta:

O território é uma construção coletiva multidimensional, com múltiplas territorialidades. Diferenciar espaço geográfico de território são necessárias três características principais, **as relações de poder, as redes e as identidades**: processos espaço-temporais que marcam determinadas parcelas de espaço, nas formas áreas-rede, rede-rede ou área-rede-lugar. (SAQUET, 2009, p. 81)

Embora Saquet (2009) destaque a importância de diferenciar território de espaço geográfico, é importante reconhecermos que ambos estão interligados. Segundo Saquet (2009, p. 83) “o espaço é indispensável para a apropriação e produção do território”. Portanto, compreendemos que não há como trabalharmos

estes conceitos de forma separados. Haesbaert (2004) aponta que há três referências sobre os estudos de território na Geografia, dentre estes:

A **política de território** que se refere a relação de espaço-poder. Nessa concepção o território se apresenta como um espaço dominado (jurídico-política), que diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação; **A econômica** do/no território, no qual o território é visto como um recurso econômico. Todo território é, ao mesmo tempo, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar funções quanto para produzir significados, isto é, embora seja fonte de matéria prima para as nossas atividades, também é nosso abrigo para repouso. E por fim, **o simbólico-cultural**, em que o mesmo é entendido como produto de apropriação simbólica, no qual, determinado grupo faz de um espaço, isto quer dizer que pode fazer uso de elementos espaciais, representações e símbolos, constituindo uma identidade territorial sendo que os territórios e as fronteiras são fundamentais para a construção das identidades. (HAESBAERT, 2004, p.6)

O território é um espaço apropriado pelos grupos sociais e animais, não apenas politicamente, mas também econômica e culturalmente, sendo constituído por um jogo complexo de relações, entre os grupos, que dominam ou são dominados. Para Haesbaert (2004, p.07), “as territorialidades não produzem apenas conflitos, mas também promovem trocas enriquecedoras, em função do fortalecimento das identidades forjadas a partir desses encontros”. Nesse sentido, Haesbaert (apud Fuini, 2017) destacam que:

O território assume um viés multidimensional (político-jurídico econômico e culturalista) e os movimentos dos agentes grupos entrando e saindo dos territórios, manifesta os processos de desterritorialização e (re)territorializações. Territorialidades que se apresentam com o sentido de pertencimento, uso e vivência em um recorte do espaço e que na atualidade se expressam mais em rede, com a compressão do espaço pelo tempo, do que em zonas contíguas. (HAESBAERT, apud FUINI, 2017, p. 20)

Com base nas ideias antes expostas, entende-se que é necessário distinguir as principais concepções que envolvem os esquemas de estudos e práticos do território segundo uma perspectiva funcional e o território concordante a perspectiva simbólico-cultural

Buscamos trabalhar nesta pesquisa com a concepção de território, levando-se em conta a dimensão simbólico-cultural, que é caracterizada por produzir o território através das vivências das pessoas, simbolizado a partir das práticas simbólico-cultural, que explora a subjetividade dos sujeitos, e se preocupa com os aspectos simbólicos.

O território numa visão da vertente simbólico-cultural segundo Haesbaert, é entendido como espaço de manifestações culturais, no qual, prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, tendo em vista que o território é fundamentalmente tido como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade territorial, compreende que o território é palco das territorialidades numa conexão entre os sujeitos e o espaço.

Na concepção do geógrafo brasileiro Milton Santos, o território é visto segundo a perspectiva orientada pelo viés econômico e simbólico-cultural, afirmando que:

Para os atores hegemônicos o território usado é um recurso, garantia de realização de seus interesses particulares, para os atores hegemonzados, trata-se de um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares. (SANTOS, 1986, p. 12-13)

Santos (1986) deixa claro a concepção de território usado ou espaço geográfico como um todo complexo, isto é, o território é visto sobretudo como uma recurso econômico, a ser explorado, onde, as relações sociais serão executadas, no qual, haverá uma relação entre o território e a sociedade, ressaltando uma dinâmica entre o “ator” e o “objeto da ação”. Logo, o território abriga relações sociais que são ao mesmo tempo materiais e simbólicas.

O território usado compreende o território em si e a identidade nesse território, isto é, o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, o território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. Ao usar o território, faz-se uma distinção entre o território em si e o território usado. Entalece o território como forma e o território usado como objeto de ações, sinônimo de espaço humano. (SANTOS, 2006, p. 14)

Embora seja importante a dimensão econômica dos estudos territoriais, entendendo o território a partir dessa perspectiva do território usado conforme destaca Santos, a nossa preocupação nesse estudo se volta a análise e compreensão do território a partir da dimensão simbólico-cultural.

Haesbaert (2008, p. 20), afirma: “o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais concreta e funcional à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica”.

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p. 42).

Diante das diferentes concepções antes apresentadas sobre o conceito de território é necessário delimitar a noção que julgamos útil a este estudo. Trata-se da dimensão simbólico-cultural.

4. TERRITORIALIDADES E IDENTIDADES TERRITORIAIS: ABORDAGENS A PARTIR DOS DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS

Na ciência geográfica, teóricos como Milton Santos, Rogério Haesbaert e Marcos Saquet tem se dedicado aos estudos territoriais, incluindo nesse contexto, a temática das identidades territoriais. O território é imprescindível às dinâmicas espaciais, uma vez que este é a base para a construção das territorialidades. Segundo Milton Santos (1986):

Um território sem territorialidade seria empírica e teoricamente impossível, uma vez que retiraria seu caráter relacional do poder pela dominância e apropriação material e imaterial, ou seja, o território pode ser entendido como um espaço de dominação pela apropriação tanto material quanto o imaterial (simbólico) ficando o que ele considera de configuração territorial, (SANTOS, 1986).

Portanto, é evidente que o território e sua territorialidade não fazem sentido sem o seu sentido simbólico-cultural. Saquet nessa direção (2007) compreende que o território:

É constituído pelo movimento histórico e por simultaneidades. Há um movimento constante que se materializa na vida cotidiana e no território, centrado na intersecção entre os tempos históricos e coexistentes (multiescalar). No território há uma conjugação entre aspectos da economia, da política, da cultura e da natureza exterior ao homem (E-P-C-N). (SAQUET, 2007, p. 56).

É notório que as territorialidades contribuem para definir o território a partir das ações construídas pelos sujeitos. Para tanto, Rogério Haesbaert (2008, p. 21) afirma que “devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc.” É importante frisar que estes significados estão presentes no território de forma intrínseca. Porém, iremos nos debruçar neste estudo,

no segundo elemento, o qual carrega essa definição de simbolização e identificação dos sujeitos através de suas ações e dos grupos sociais, sendo condizente com a pauta do nosso estudo.

Robert Sack (1986) destaca que “a territorialidade corresponde as ações humanas”, ou seja, a forma como cada indivíduo age no seio da sociedade. A territorialidade e o território são ambos efetuados nos níveis do indivíduo, da casa, do bairro, do estado, do país e em nível internacional”. Os elementos econômicos, políticos e culturais são um alicerce, conforme Roberto Sack (1986) para caracterizar território e territorialidade enfatiza:

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar. (SACK, 1986, p. 7)

As ações dos sujeitos é que na verdade projetam uma identidade do/no território, conferindo-lhe marcas ou traços que asseguram a este território uma particularidade/identidade próprio. A identidade territorial se associa a várias outras, na qual, o conteúdo simbólico muda com o tempo e com as ações sociais, isto é, percebe-se que a identidade territorial é constituída por diversas identidades, sendo que cada pessoa em sua formação histórica adquire diferentes identidades, dependendo do seu tempo e espaços de convivências.

Os símbolos que compõem uma identidade não são construídos totalmente eventuais; mantêm sempre determinados vínculos com a realidade concreta. Os vários conflitos pela defesa de fronteiras, por exemplo, demonstram que as referências espaciais pertencem relevantes para a definição ou oferecimento de identidade. A própria memória (coletiva) de um grupo social precisa de uma referência territorial. (SAQUET, 1986, p. 06)

Fica evidenciado que o poder simbólico no processo de apropriação de um território ou a manifestação das identidades, necessita de uma base territorial, ou seja, de um território para suas representações e símbolos. Este território é uma base para constituição de uma identidade territorial, dentro do seu processo de historicidade. Portanto, o território e sua delimitação são de suma importância para a construção das identidades e para a sua projeção em um determinado espaço.

As territorialidades se manifestam na materialidade (objetiva) das coisas que estão presentes no território e na imaterialidade (subjéctiva) constituídas pelos homens em relação ao seu território.

São as ações dos sujeitos, mas também são sentimentos vinculados à nossa existência em uma fragmentação do espaço habitado. Conforme Raffestin (1993, p. 184) trate-se “da descoberta de que primeiro se pertence a um território lato sensu, para depois se pertencer a uma sociedade”.

Santos e Silveira (2001, p. 19), utilizam a territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence, assim, “esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência do Estado”. Segundo os autores, a territorialidade se estende aos animais, sendo a primeira forma de territorialidade estudada pelos naturalistas, como área de vivência e reprodução.

Desse modo, Haesbaert (2008, p. 21) sustenta que “a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais”. Busca em razão das ideias antes expostas, destacamos a nossa inquietação no sentido de entender o território a partir das relações multidimensionais. Desse modo, são várias as dimensões que lhes fornece sustentação. No entanto, neste estudo nos preocupamos em entendê-lo a partir das contribuições da dimensão simbólico-cultural.

5. TERRITORIALIDADES E IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS DA/NA CIDADE DE IMPERATRIZ: UMA ABORDAGEM A PARTIR DOS GRUPOS LGBTs

Buscamos realizar um breve estudo sobre os processos de resistências aos quais os grupos LGBTs estão inseridos, considerando nesse cenário a realidade brasileira. Sabe-se que a partir da segunda metade do século XX, intensificou-se a diversificação social das identidades que definem os sujeitos, tais como: mulheres, índios, negros, homossexuais, entre outros. Estas identidades apontam politicamente para a transformação dos estigmas, com vistas à igualdade na inserção social, determinando os mesmos direitos a todos e buscando medidas de combate à discriminação e ao preconceito em qualquer nível das relações cotidianas.

Surgem, assim, movimentos sociais que buscam não só reduzir as desigualdades econômicas entre diferentes segmentos da sociedade, mas, também, enfrentar questões culturais relacionadas à ocorrência de estigmas sociais. Nesse contexto, a identidade torna-se o principal elemento que vai definir os movimentos sociais, desde os anos 1960. Ela une e representa um conjunto de sujeitos estigmatizados e/ou marginalizados que, mesmo como minoria, configura uma parcela importante da população no Brasil, em busca de suas representações e territorialidades, que passam a ser menosprezados perante a sociedade.

De todas as minorias sociais, os homossexuais são os mais vulneráveis. Partindo da percepção que a homossexualidade é construída em meio ao discurso

social de referências simbólicas heterossexuais, levando assim a exclusão do homossexual por esse discurso dominante de uma dada cultural. Molina (2011) explicita esse contexto de exclusão da seguinte forma:

Amar alguém do mesmo sexo, entregar-se à dor e à delícia de sentir-se apaixonado como em qualquer relacionamento no qual criamos laços de ternura, torna-se mais difícil para os homossexuais, uma vez que os riscos do encontro e desencontro de amar alguém simbolizam romper com o mundo sociocultural que os indivíduos estão inseridos. Um mundo que esconde as diversas faces de amor e prega um discurso heterossexista, leva a maioria dos homossexuais a uma árdua luta por sua identidade, autonomia e direitos. Direitos como seres humanos. direito ao amor. (MOLINA, 2011, p. 949).

É perceptível que ser homossexual ou se reconhecer homossexual é uma questão vista e tratada como algo que inflige a naturalidade do comando social. Nos é imposta uma cultura da qual ser gay é imoral, um pecado abominável. É errado. É algo que foge dos padrões estabelecidos da sociedade sexista. Estudar sobre a homossexualidade é romper com esse pensamento retrogrado, tendo assim, a possibilidade de desvendar as raízes do preconceito em nossa sociedade. O preconceito na nossa sociedade está enraizado culturalmente. os sujeitos homoafetivos são atacados e alvejados constantemente, conforme Molina (2011):

Dentro da diversidade sexual, os grupos de gays, lésbicas, travesti e transexuais são vítimas de preconceito e discriminação, devido a sua orientação sexual e à identificação de gênero. A homofobia, preconceito contra pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo sexo, é diariamente marcada por gestos, olhares, palavras, discussões, agressões e até mesmo assassinatos [...] Ao abraçar a luta para explicar a homofobia velada e silenciada, mas existente de maneira cruel, nas escolas e na nossa sociedade, pude abraçar também a possibilidade de entrelaçar histórias de vidas que sensivelmente nos encorajam a cada vez mais entender melhor a sexualidade e a diversidade sexual tão inerente às pessoas. Inerente ao ponto de ser um direito humano inalienável, mas, devido à contradição social, mostra-nos ainda inalcançável aos homossexuais. (MOLINA, 2011, p. 950)

Levando em consideração as análises das ciências sociais no que diz respeito as relações de gêneros, pode-se notar que desafiaram essa visão essencialista da biologia sobre as identidades humanas, no qual, proporcionaram o questionamento referente à construção histórico-cultural das pessoas e à importância do meio sociocultural, como fica evidenciado:

O estudo de gênero e sua compreensão surge pela forma como a cultura expressa as diferenças entre homens e mulheres e de que modo a caracterização das diferenças inerentes ou aprendidas entre

os sexos pode servir como ponto auxílio para compressão da exclusão das pessoas que vivem a experiência homoerótica como entes capazes de direitos e obrigações (OLIVEIRA, 2009, p. 161).

O ser homossexual é estigmatizado na sociedade, sendo visto como inútil na sociedade, já que é taxado e condenado pelo fato de não procriar, sendo definido como contrário aos interesses da reprodução biológica. Assim, sendo julgado por ser considerado um homem que quer ser uma mulher⁴, sendo inferiorizado pela sua postura. Num contexto histórico, o termo homossexualidade foi utilizado pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert no ano de 1869. Já no Brasil este termo foi utilizado pela primeira vez em 1894 no livro: “Atentos ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual”, de Francisco José Viveiros de Castro.

Ao trazer a discussão da sexualidade para o domínio público, assim, como o fizeram o feminismo e os movimentos de liberação sexual da década de 1960, o movimento homossexual apresenta uma antinomia e exige que ela seja assumida pelo Estado laico de direito, distante dos dogmas religiosos e das noções preconcebidas - a sexualidade é política, e a individualidade constitui um direito humano fundamental. Em outras palavras, o movimento não admite que desrespeite ao direito humano fundamental de exercer livremente a orientação sexual seja tratada pelo Estado como assunto à esfera privada (CONDE, 2004, p. 15).

Embora saibamos que a prática homossexual seja antiga, é perceptível que esta tenha ganhado maior visibilidade com os primeiros movimentos de resistências no século XX. No Brasil o primeiro movimento gay surgiu no estado de São Paulo em 1979 e o primeiro encontro brasileiro de homossexuais foi realizado no ano seguinte. Posteriormente, havendo a organização de novos grupos e associações em prol da causa gay. Reivindicação de igualdade e direitos, pelos sujeitos que são marginalizados pela sociedade. A exemplo dessas manifestações são realizados periodicamente nas distintas regiões do país, as paradas LGBT's.

A parada gay ganha destaque em muitas cidades de Brasil, como forma de visibilidade e porta-voz da comunidade LGBT tendo São Paulo como grande centro das manifestações, Luana (2011) descreve esse movimento da seguinte forma:

O movimento objetiva a construção do sujeito, responsável pelas mudanças de visões, posturas, hábitos e transformações das pessoas a partir de um conhecimento de si e do mundo. De forma consciente, o movimento gay surgiu a partir de uma preocupação com o entendimento do mundo, com a tentativa de esclarecer e

⁴ Geralmente os homossexuais do sexo masculino são os mais citados e discriminados, pode-se perceber que esses homens são chamados de vários nomes, muitas vezes de forma pejorativa, depreciativa ou preconceituosa, como: invertido, efeminado (ou afeminado), gay, veado, entre outros.

dominar os parâmetros de sua organização e de classificação da homossexualidade; e com a demanda de desconstruir as identidades homossexuais cristalizadas em busca de possibilidades de vivências mais positivas (MOLINA, 2011, p. 956).

Segundo Molina (2011) o entendimento do cotidiano, das identidades e das diferenças como construção social, histórica e cultural, contribui para a elaboração de projetos de emancipação que serão construídos no presente a partir dos inconformismos do passado e com a perspectiva do pensamento das opções do futuro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o movimento LGBT é provocado pelas discriminações que o homossexual sofre na sociedade, tratando quem se relaciona com uma pessoa do mesmo sexo com inferioridade. Portanto este movimento emerge em busca de equiparação destes sujeitos em relação aos demais sujeitos da sociedade. Dos quais o nosso estudo se embasou para estudar os territórios e territorialidades que foram edificadas na cidade de Imperatriz, como forma de resistência.

Nesta sucessão de acontecimentos, nota-se que luta pelo reconhecimento da identidade homossexual e as suas territorialidades, buscando o reconhecimento e visibilidade no meio social. Com isso, podemos constatar que as ações voltadas a diversidade sexual, como combate a homofobia, a violência e a discriminação têm ganhando respaldo, inclusive do poder executivo federal, ampliando assim as transformações no gozo dos direitos humanos e da cidadania. A educação quanto a sexualidade se faz necessário para que cada indivíduo entenda o que sente e o que é, ser homossexual numa sociedade heterossexista⁵.

A sexualidade é intrínseca à personalidade de todo ser humano, independentemente de sua orientação sexual⁶. O seu desenvolvimento depende da satisfação de necessidades básicas, como: desejo do contato, intimidade, expressão emocional, prazer carinho, amor. Assim, pode-se afirmar que a sexualidade é construída por meio da interação entre os indivíduos e as estruturas sociais e seu total

⁵ Heterossexismo é a atitude de preconceito, discriminação, negação, estigmatização ou ódio contra toda sexualidade que não seja a heterossexual, expressa de forma sistêmica. É a suposição de que as pessoas são todas heterossexuais ou de que a heterossexualidade é superior e mais desejável do que as demais orientações sexuais.

⁶ Compreende-se que o termo orientação sexual é considerado mais apropriado do que opção sexual ou preferência sexual.

avanço é essencial para o desenvolvimento individual, interpessoal e social. O território é peça chave neste processo, já que as territorialidades são a base das manifestações culturais, e a sua construção de identidade.

Portando, verifica-se que a temática desenvolvida é muito complexa, pois, podemos constatar que a partir do momento em que uma minoria da população é excluída ou ocultado, viu-se a necessidade de esses grupos se manifestarem e criarem suas próprias vozes em luta aos seus interesses, porém, percebe-se que está luta ainda anda a passos de vagarosos, que ainda há muito o que conquistar.

7. REFERÊNCIAS

CANDIOTTO, L. Z.; SANTOS, R. A. dos. Experiências geográficas em torno de uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 315-340. (Geografia em Movimento).

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciência humana e sociais: Evolução e desafios**. Revista Portuguesa de educação. 2003. Vol. 16. N 2. p. 221-236

CONDE, Michelle Franco. **O movimento homossexual brasileiro: sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania**. 2004. Dissertação (mestrado em sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2004.

CORRÊA, R. Lobato. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. In: Geografia: Conceitos e temas – 2ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.

FUINI, Lucas Labigalini. **O território em Rogério Haesbaert: Concepções e conotações**. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n. 1 p. 19-29.

GIL, A. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Definindo território para entender a desterritorialização**. In: HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997. 293 p.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton [et al.]. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006b. p. 43-70.

_____. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 400 p.

_____. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, A. L. [et al.]. **A emergência da multiterritorialidade:** a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas-Porto Alegre: Ed. ULBRA-Ed. da UFRGS, 2008. p. 19-36.

MOLINA, Luana Pagamo Peres. **A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual.** Antítese, v. 4, n.8, p. 949 – 962, 2011.

OLIVEIRA, Rosa Maria. **Fronteiras invisíveis:** gêneros, questões identitárias e relações entre movimentos homossexual e Estado no Brasil. Revista Bagoas, n. 4, p. 160 – 172, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SACK, R. 1986. **Human Territoriality** : its theory and history. Cambridge : Cambridge University Press.

SAQUET, Marcos Aurélio. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade.** Geosul, Florianópolis, v. 22, n 43, p 55-76, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. 200 p.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73-94. (Geografia em Movimento).

SAQUET, Marcos Aurélio; BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e Identidade:** Um patrimônio no desenvolvimento territorial. Caderno Prudentino de Geografia, n°31, vol.1, 2009. P.3-16.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** Técnica e tempo. Razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 260 p. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/16391201/Santos-Milton-a-Natureza-Do-Espaco>.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton [et al]. **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473 p.

SILVA, Marcos Nicolau Santos da. **Território:** uma revisão teórico-conceitual. InterEspaço, Grajaú/MA, v. 1, n. 1 p. 49-76 jan./jun. 2015

SOUZA, M.J. Lopes. **O território:** sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Geografia: Conceitos e temas – 2ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.